

Morte de líder do Hamas amplia crise no Oriente Médio

Líder do Hamas é morto em Teerã, e regime iraniano promete punir Israel

Crise deflagrada pelo 7 de Outubro atinge ponto de inflexão com assassinato de Ismail Haniyeh

Igor Gielow

SÃO PAULO O líder do Hamas, Ismail Haniyeh, foi morto em um ataque aéreo em Teerã na madrugada desta quarta (31), levando a crise iniciada com o mega atentado terrorista do grupo palestino contra Israel em outubro de 2023 a um passo de uma guerra ampliada no Oriente Médio.

O líder supremo iraniano, Ali Khamenei, acusou o Estado judeu pelo ataque. Israel "fez por merecer a dura punição" que receberá, "uma obrigação do Irã", disse ele de acordo com a mídia estatal do país. Segundo o jornal The New York Times, o aiatolá já se decidiu por uma retaliação direta em uma reunião nesta quarta.

O assassinato ocorreu em um momento extremamente delicado, colocando a tensão na região em um ponto de inflexão. Na terça-feira (30), Israel anunciou ter matado o comandante operacional do Hezbollah, Fuad Shukur, em Beirute.

A milícia fundamentalista xiita libanesa é o principal preposto do Irã na região, com

batendo o Estado judeu e os interesses dos Estados Unidos desde sua fundação, em 1982. O Hezbollah confirmou sua morte nesta quarta.

O mundo foi dormir preocupado com o risco de escalada que a ação traria, só para acordar em meio a um cenário ainda mais grave. Até aqui, o ponto mais alto do conflito nesse aspecto havia sido o ataque com mísseis e drones do Irã contra Israel em abril, em retaliação pela morte de um general de Teerã no Líbano, mas a resposta comedida de Tel Aviv baixou a fervura.

O regime de Khamenei passa por um momento de contestação e sofre com dificuldades econômicas, o que ajudou a moderar o apetite por um conflito aberto capaz de envolver os EUA.

O assassinato, "um ataque covarde que não ficará impune", disse um líder do Hamas, Moussa Abu Marzouk. Israel tem uma longa história de ações infiltradas no país que

é seu maior rival existencial, como no caso do assassinato de cientistas nucleares irani-



anos nos anos 2010.

Haniyeh, 62, foi morto junto a um guarda-costas em uma casa para veteranos de guerra no norte da capital iraniana.

O país ainda não divulgou detalhes da ação, mas disse que um foguete atingiu o quarto em que o palestino estava.

A circunstância particular do assassinato adiciona insulto à injúria, aos olhos do Irã. Haniyeh havia participado da posse do novo presidente do país persa, Masoud Pezeshkian, que foi eleito no começo

do mês para substituir o radical Ebrahim Raisi, morto em um acidente de helicóptero.

Pezeshkian é um moderado no papel, mas inicia seu mandato sob a pressão da morte do aliado em sua casa. Até aqui, disse que irá "defender a integridade territorial e dignidade" do Irã. Haniyeh era tratado como um chefe de Estado, e estava na primeira fila no evento da posse.

O palestino era líder do Hamas, cujo nome é o acrônimo árabe para Movimento de Re-

sistência Islâmica, desde 2004, quando assumiu o controle do grupo após a morte de seu chefe espiritual, o xeque Ahmed Yassin — assassinado por Israel.

Desde 2017, devido a uma divisão interna de poderes, ele era o presidente político do grupo. Morava em Doha, no Qatar, e transitava com desenvoltura pela região. Era visto com frequência em Ancara e em Moscou, e cultivou a fama de negociador pragmático, apesar de dono de retórica incendiária.

Desde o início do conflito em Gaza, onde Haniyeh nasceu em um campo de refugiados, as ações do Hamas contra Israel em solo são comandadas por Yahya Sinwar. Segundo relatos das mídias árabe e israelense, os líderes divergem acerca de táticas e do processo de negociação com Tel Aviv — o Hamas ainda tem mais de cem reféns do ataque de 7 de outubro em mãos.

Agora, esse processo deve desandar de vez, como já advertiu aos EUA o Qatar, um dos principais mediadores em ação. Pior, tudo pode ser solu-

çado pelo risco de uma guerra regional que já era desenhada com o atrito entre Israel e o Hezbollah.

Entram também na equação os houthis do Iêmen, grupo rebelde pró-Irã que comanda a capital do país e promove uma campanha de ataques no mar Vermelho em apoio aos palestinos. A agência de notícias da agremiação disse que Israel deve esperar uma forte retaliação.

Todos são parte do que Teerã chama de Eixo da Resistência, que inclui também a Síria e uma miríade de grupos radicais na região, em países como o Iraque. No grande jogo da Guerra Fria 2.0, são apoiados ostensivamente pela Rússia e, em grau mais discreto, pela China.

Mahmoud Abbas — o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), reconhecido internacionalmente como o governo legítimo da região —, condenou o assassinato, que qualificou como um "ato covarde", e instou os palestinos a se manterem unidos contra Israel. Há uma semana, sua ação política, o Fatah, assinou um acordo de reconciliação com o Hamas em Pequim.

Em 2006, a eleição de Haniyeh como primeiro-ministro palestino jogou os grupos em lados opostos, numa crise que acabou no ano seguinte com o Hamas assumindo o controle da Faixa de Gaza — deixando o Fatah, que comanda a ANP.

Ataques pressionam Irã em momento de fragilidade política

ANÁLISE

SÃO PAULO A ação de Israel contra líderes dos dois principais grupos apoiados pelo Irã no Oriente Médio desta quarta-feira (31) coloca uma pressão extraordinária sobre o novo presidente do país, Masoud Pezeshkian, que assumiu o cargo horas antes da ofensiva, na terça (30).

Mais importante, ela representa uma espécie de desafio à disposição de Teerã de seguir investindo em lideranças contrárias a Israel e aos Estados Unidos na região em um momento de extrema fragilidade política do regime teocrático,

implantado há 45 anos.

Há brumas para permitir tempo atípico de reação. No caso do líder operacional do libanes Hezbollah, Fuad Shukur, sua morte demorou a ser confirmada pelo grupo, mas a autoria israelense foi assumida imediatamente.

Já o segundo episódio, ainda mais espetacular em sua repercussão, tem um morto confirmado, o líder político do Hamas, Ismail Haniyeh. Israel não assumiu sua execução, embora isso seja um segredo de polichinelho.

O tabuleiro foi colocado para uma escalada regional po-

tencialmente destrutiva para o regime dos aiatolás. Anos de retórica incendiária serão testados. Uma reação será inevitável, até porque a morte de Haniyeh enquanto hóspede do presidente na noite subsequente à sua posse é um vexame diplomático e militar.

Mas sua medida será a régua para saber se o caldo irá ou não desandar. Quando lançou um ataque maciço contra Israel em abril, algo inédito em sua história, o Irã viu quase a totalidade de seus mísseis e drones serem abatidos pelo Estado judeu com o auxílio não só de aliados ociden-

tais como EUA e Reino Unido, mas também dos Emirados Árabes Unidos.

Naquela ocasião, esse contexto de defesa compartilhada e o temor de escalada fez com que Tel Aviv reagisse de forma moderada, com um ataque pontual a um local próximo de instalações nucleares de Teerã. E ficou por isso.

A tensão em sua fronteira norte com o Hezbollah, contudo, continuou subindo desde então. Até aqui, os problemas internos do Líbano e a posição política doméstica do grupo mantiveram a escalada como uma ameaça.

Agora, as fichas estão na mesa. Os fundamentalistas de Beirute não deixarão a morte de um de seus principais comandantes sem resposta, mas ela será coordenada com Teerã. De vinganças pontuais a uma guerra total na região, há várias escalas de risco.

Elas passam pela mesa de Ali Khamenei, o líder supremo do Irã que perdeu controle sobre sua sucessão quando o presidente do país e seu herdeiro presumido, Ebrahim Raisi, morreu em um acidente de helicóptero em maio.

O curto processo eleitoral mostrou um público apáti-

co no primeiro turno e desafiador no segundo, quando o único moderado entre os candidatos foi eleito. Pezeshkian, contudo, é um homem do regime, e sua promessa de acomodação com o Ocidente agora será posta à prova pela linha dura da teocracia.

Equilibra-se nesse jogo de pressões o futuro do Oriente Médio e, sem muito exagero, da paz mundial. O que ocorre na região que concentra boa parte da produção energética do planeta impacta a todos, não menos porque ao fim as peças se encaixam na Guerra Fria 2.0. IG

Veículo: Impresso -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 9